UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

ANA JÚLIA MARTINS SILVA

O TEAR DA CENA NO FIO DAS PALAVRAS: TECITURAS DO CORDEL DRAMATÚRGICO *MARIA ROUPA DE PALHA* DE LOURDES RAMALHO E A PRODUÇÃO DE RECURSO DIDÁTICO PARA A MEDIAÇÃO DE LEITURA NA ESCOLA.

SUMÉ-PB
2025

ANA JÚLIA MARTINS SILVA

O TEAR DA CENA NO FIO DAS PALAVRAS: TECITURAS DO CORDEL DRAMATÚRGICO *MARIA ROUPA DE PALHA* DE LOURDES RAMALHO E A PRODUÇÃO DE RECURSO DIDÁTICO PARA A MEDIAÇÃO DE LEITURA NA ESCOLA.

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo na área de Linguagens e Códigos do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo – Linguagens e Códigos.

Orientadora: Profa. Dra. Valéria Andrade

SUMÉ-PB
2025



S586t Silva, Ana Júlia Martins.
O tear da cena no fio das palavras: tecituras do cordel dramatúrgico Maria Roupa de Palha de Lourdes Ramalho e a produção de recurso didático para a mediação de leitura na escola. / Ana Júlia Martins Silva. - 2025.

48 f.

Orientadora: Professora Drª. Valéria Andrade.
Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Lourdes Ramalho – crítica e interpretação. 2. Dramaturgia. 3. Cordel dramatúrgico. 4. Mediação de leitura. 5. Recurso didático - produção. 6. Leitura Maria Roupa de Palha – Lourdes Ramalho. I. Andrade, Valéria. II Título.

CDU: 028.1(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

O TEAR DA CENA NO FIO DAS PALAVRAS:
TECITURAS DO CORDEL DRAMATÚRGICO *MARIA ROUPA DE PALHA* DE LOURDES RAMALHO E A PRODUÇÃO DE RECURSO DIDÁTICO PARA A MEDIAÇÃO DE LEITURA NA ESCOLA.

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo na área de Linguagens e Códigos do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo – Linguagens e Códigos.

BANCA EXAMINADORA

_____

Profª. Dra. Valéria Andrade
Orientadora (CDSA/UFCG)

_____

Prof. Dr. Manoel Moacir Rocha Farias Júnior
Examinador Interno (CDSA/UFCG)

_____

Prof. Dr. Leandro de Sousa Almeida
Examinador Externo I (FRCG e SEDUC-Sumé)

_____

Prof. Me. Rafael Barros de Sousa
Examinador Externo II (Doutorando PPGLI/UEPB)

Trabalho aprovado em: 25 de setembro de 2025

SUMÉ – PB

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, fonte de toda vida, por me permitir chegar até aqui. Sem as suas bênçãos, nenhum passo seria possível. Ele, que tudo provê, concedeu-me saúde e sabedoria para cumprir mais essa missão. Minha oração de hoje e de sempre é que meus passos sigam, firmes e serenos, os caminhos que levam a Ele. À minha família, meu porto seguro, ofereço minha eterna gratidão. Em especial, à minha mãe, Sara Martins, exemplo de amor e inspiração, que, com sua força e ternura, me sustentou em cada instante da caminhada. Ao meu noivo, Pedro Henrique, agradeço por ser luz em meus dias e companheiro em cada sorriso e em cada lágrima. Aos meus amigos de curso, deixo meu abraço; e, em especial, à Alanna Oliveira, que se fez família e abrigo quando estive longe de casa. À minha orientadora, Profa. Dra. Valéria Andrade, dedico minha profunda admiração. Suas aulas foram verdadeiros encantos e, em cada uma delas, encontrei a confirmação de que sigo pela estrada certa. Ao Prof. Dr. Leandro de Sousa Almeida, pela contribuição enquanto interlocutor nos diálogos de orientação em parceria com a orientadora e como examinador do trabalho. Aos Profs. Dr. Manoel Moacir Rocha Farias Júnior e Me. Rafael Barros de Sousa, pela examinação que contribuiu para o refinamento do trabalho. Por fim, a todos que cruzaram meu caminho e marcaram minha história, deixo meu mais sincero e eterno obrigada, pois palavras nunca alcançarão a grandeza da gratidão que trago no coração.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo desenvolver a prática de leitura e escrita em sala de aula, por meio do cordel dramatúrgico *Maria Roupa de Palha*, da autora nordestina Lourdes Ramalho (1920-2019). O trabalho tem como problema de pesquisa: como promover práticas de leitura criativas na perspectiva intersensorial pela mediação do cordel dramatúrgico *Maria Roupa de Palha* de Lourdes Ramalho com crianças da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental? Em uma sociedade marcada pelo avanço das tecnologias e pelo predomínio das mídias digitais, a leitura, em particular a literária, tem se tornado um desafio, especialmente para que os educandos possam vivenciá-la como atividade prazerosa e significativa. Diante desse cenário, buscou-se elaborar estratégias pedagógicas inovadoras para promover o engajamento de estudantes, despertando seu interesse pela literatura. A presente pesquisa consistiu na produção de recurso didático, voltado a essa finalidade, na forma de livro texturizado interativo inspirado na dramaturgia de Lourdes Ramalho, no qual a história é narrada por meio de cenários confeccionados com materiais têxteis, objetos móveis e personagens representados por bonecos de pano que podem ser deslocados ao longo da narrativa. Esse recurso didático foi pensado para ampliar as possibilidades de mediação de leitura, proporcionando uma experiência imersiva que combina o visual e o tátil, estimulando a imaginação e a interação ativa dos leitores. Sua proposta pedagógica valoriza a literatura de cordel como expressão cultural nordestina, destacando sua potência criativa e sua contribuição para a formação leitora e estética dos alunos. A história de Maria Roupa de Palha, por sua natureza lúdica e utópica, favorece a construção de imagens mentais e, por outro lado, a sensibilização estética propiciada pelo livro texturizado interativo, possibilita um encantamento ainda maior, fortalecendo o vínculo entre os estudantes e a leitura. A pesquisa desenvolvida contribui tanto para a valorização do patrimônio cultural regional quanto para a criação de metodologias que aproximam a leitura do cotidiano escolar de forma criativa e prazerosa, incentivando o hábito leitor e o gosto pela literatura. Entre os estudos que fundamentam essa pesquisa, destacam-se Andrade e Maciel (2020) e Almeida (2024) sobre a dramaturgia ramalhiana e o cordel dramatúrgico *Maria Roupa de Palha*; Santos (2013 e 2014) sobre a produção de recurso didático; Abreu (1999), Sousa (2017) e Moreira (2015)

sobre os folhetos de cordéis na cultura popular nordestina; e Murdock (2022) para uma análise da jornada heroica numa perspectiva feminina.

Palavras chave: Lourdes Ramalho, Dramaturgia, Maria Roupa de Palha, Livro texturizado interativo, Prática de leitura literária.

ABSTRACT

This study aims to develop reading and writing practices in the classroom through the dramaturgical *cordel Maria Roupa de Palha*, written by the Northeastern Brazilian author Lourdes Ramalho (1920–2019). The research addresses the following question: how can creative reading practices be promoted from an intersensorial perspective through the mediation of the dramaturgical *cordel Maria Roupa de Palha* by Lourdes Ramalho with children in Early Childhood Education and the Initial Years of Elementary School? In a society marked by technological advances and the predominance of digital media, reading—particularly literary reading—has become a challenge, especially when it comes to experiencing it as a meaningful and enjoyable activity. Faced with this context, the study sought to design innovative pedagogical strategies to foster student engagement and awaken their interest in literature. The research consisted of the production of a teaching resource with this purpose: an interactive textured book inspired by Lourdes Ramalho's dramaturgy. In this material, the story unfolds through settings made of textile materials, movable objects, and characters represented by cloth dolls that can be repositioned throughout the narrative. This resource was designed to expand the possibilities of reading mediation by offering an immersive experience that combines the visual and the tactile, stimulating imagination and active interaction among readers. The pedagogical proposal values *cordel* literature as a Northeastern cultural expression, highlighting its creative potential and its contribution to students' literary and aesthetic development. The story of *Maria Roupa de Palha*, with its playful and utopian nature, encourages the construction of mental images. At the same time, the aesthetic sensibility provided by the interactive textured book intensifies enchantment, strengthening the bond between students and reading. Thus, the research contributes both to the appreciation of regional cultural heritage and to the creation of methodologies that bring reading closer to the school context in a creative and enjoyable way, fostering the habit of reading and appreciation of literature. Among the studies that support this work, notable references include Andrade and Maciel (2020) and Almeida (2024) on Ramalho's dramaturgy and the dramaturgical *cordel Maria Roupa de Palha*; Santos (2013, 2014) on the production of teaching resources; Abreu (1999), Sousa (2017) and Moreira (2015) on *cordel* booklets in Northeastern

popular culture; and Murdock (2022) on the analysis of the heroic journey from a female perspective.

Keywords: Lourdes Ramalho; Dramaturgy; *Maria Roupa de Palha*; Interactive textured book; Literary reading practice.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 6

2 LOURDES RAMALHO E *MARIA ROUPA DE PALHA* 8

2.1 SOBRE A DRAMATURGA LOURDES RAMALHO **8**

2.2 *MARIA ROUPA DE PALHA:* UMA LEITURA NA PERSPECTIVA DA MULHER NORDESTINA **11**

3 LEITURA DO CORDEL DRAMATÚRGICO NA SALA DE AULA 18

3.1 LEITURA LITERÁRIA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS **18**

3.2 LITERATURA DE CORDEL E CORDEL DRAMATÚRGICO **27**

4 PRODUÇÃO DE RECURSO DIDÁTICO PARA A PRÁTICA DE LEITURA EM SALA DE AULA..... 27

4.1 A IMPORTÂNCIA DOS RECURSOS DIDÁTICOS **27**

4.2 ETAPAS DA PRODUÇÃO DO LIVRO TEXTURIZADO INTERTIVO 28

4.2.1 Apresentação do Livro 28

4.2.2 Escolha de Tecidos..... 32

4.2.3 Elementos de Fixação e Materiais Estruturais 33

4.2.4 Corte e Costura 34

4.2.5 Design e Protótipo 35

4.2.6 Montagem das Páginas 37

4.3 SUGESTÕES DE USO DO LIVRO TEXTURIZADO INTERATIVO **38**

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 40

REFERÊNCIAS..... 42

1 INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “O Tear da Cena no Fio das Palavras: Tecituras do Cordel Dramatúrgico *Maria Roupa de Palha* e a Produção de Recurso Didático para a Mediação de Leitura na Escola”, tem como objetivo incentivar a leitura prazerosa entre crianças e jovens em uma sociedade cada vez mais imersa em tecnologias digitais, contexto que contribui para o afastamento dos livros e compromete o desenvolvimento de competências essenciais, como a interpretação textual e a oralidade (Failla, 2024).

Nesse cenário, os docentes encontram dificuldades em promover práticas significativas de leitura em sala de aula, observando-se, frequentemente, estudantes com limitações relacionadas à leitura, escrita, interpretação e concentração (Stephani; Tinoco, 2014). Reconhecendo a relevância desse processo formativo e a carência de materiais didáticos voltados especificamente para a leitura, em contraste com a abundância de recursos nas áreas de Ciências Exatas, Humanas e Biológicas, delineou-se a proposta de criação de um recurso pedagógico que auxiliasse a mediação da leitura no espaço escolar (Santos, 2014).

A escolha pelo cordel dramatúrgico *Maria Roupa de Palha*, de Lourdes Ramalho, surgiu a partir das discussões realizadas na disciplina *Literatura Infantil* Semestre 2022.2, ministrada pela professora Dra. Valéria Andrade, no curso de Licenciatura em Educação do Campo, área de Linguagens e Códigos, da Universidade Federal de Campina Grande. A obra em questão revela-se particularmente significativa, pois apresenta uma narrativa que combina aspectos estéticos e pedagógicos, envolvendo o leitor do início ao fim, seja pela construção imagética de seus cenários, seja pela força da personagem central, que inspira coragem e resiliência diante das dificuldades. Além disso, a obra transmite ensinamentos que remetem a valores nobres e à idealização de uma sociedade mais justa e harmoniosa.

O trabalho tem como problema de pesquisa: como promover práticas de leitura criativas na perspectiva intersensorial pela mediação do cordel dramatúrgico *Maria Roupa de Palha* de Lourdes Ramalho com crianças da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental? A partir desse contexto, foi elaborado um recurso didático inspirado no referido cordel, resultando na criação de um livro texturizado interativo voltado à mediação da leitura dramatúrgica em sala de aula.

O trabalho organiza-se em cinco capítulos, sendo o primeiro a introdução. O segundo apresenta a trajetória da autora Lourdes Ramalho, suas contribuições para a literatura nordestina e a análise do cordel *Maria Roupa de Palha*, destacando seus ensinamentos e a importância da literatura de cordel no ambiente escolar. O terceiro capítulo aborda os desafios e as perspectivas da leitura, discutindo as implicações da ausência do hábito de ler, a influência do mundo digital no distanciamento dos livros e os obstáculos enfrentados pelos docentes no incentivo à leitura. São apresentados, ainda, conceitos sobre a literatura de cordel e o cordel dramatúrgico. O quarto capítulo discute a importância dos recursos didáticos para a prática docente, refletindo sobre os desafios que dificultam sua elaboração, e apresenta o livro texturizado produzido, com a descrição de suas cenas, personagens, materiais e etapas de construção. Por fim, o item de considerações finais se apresenta como quinto capítulo de retomada dos resultados alcançados pela pesquisa e ainda sugere uma primeira experiência de mediação de leitura com apoio do recurso didático a ser realizada com crianças de uma creche.

2 LOURDES RAMALHO E *MARIA ROUPA DE PALHA*

2.1 SOBRE A DRAMATURGA LOURDES RAMALHO

Para entendemos a obra dramatúrgica *Maria Roupa de Palha* e seus impactos, implicações e discussões no meio social e literário regional, precisamos primeiramente conhecer um pouco sobre a trajetória da grande autora nordestina que foi Maria de Lourdes Nunes Ramalho (1920-2019), conhecida literariamente como Lourdes Ramalho. Valéria Andrade (2020), pesquisadora da produção dramatúrgica da escritora, anota que além de escritora de cordéis, Lourdes Ramalho foi também professora, atuando desde menina em um educandário fundado por sua mãe na cidade de Santa Luzia (PB). Nesse período, além de atuar na docência, Lourdes participou, inclusive como atriz, de grupos cênicos que se apresentavam no Cine Paroquial da cidade.

Segundo Andrade e Maciel (2020):

> Após o casamento com o juiz Luiz Silvio Ramalho, em 1943, abandonou a função de atriz, fixando residência, em 1957, em Campina Grande (PB), a esta altura já mãe de cinco filhos – Silvia, Zeca, Junior, George e Sergio. Ao chegar à Serra da Borborema, se depara com um agitado ambiente cultural, o que culmina na inauguração do Teatro Municipal Severino Cabral, em 1963. Foi este, anos depois, o espaço privilegiado onde as peças de Lourdes Ramalho foram representadas, conferindo-lhe a notoriedade como dramaturga (Andrade; Maciel, 2020, p. 6).

Lourdes Ramalho, após casar-se, muda de cidade e, em parte, de ofício: deixa de ser atriz, continuando apenas como professora e tendo que assumir os papéis de esposa e mãe. Em uma entrevista, realizada em 2008, para o *Diário do Nordeste*[1], ela conta um pouco sobre sua carreira artística e o motivo para escrever cordel:

> Eu fui atriz até me casar, até 48, por aí assim. Meu marido não aceitou. Aceitou que eu continuasse a escrever, mas atuar nos palcos não. Aí tive que me submeter. Mas entre escrever e atuar, gosto mais de escrever, criar os personagens. Sempre escrevi poesia, teatro e cordel. Tanto que tenho muitos textos em cordel. Sou neta e bisneta e trineta de cordelistas, isso junto com tios e primos. Era uma família que vivia assim, escrevendo e montando peças, no Seridó do Rio Grande do Norte. No cordel, eu sempre me sinto muito à vontade, porque tenho cordel no sangue. Continuo escrevendo

[1] Cf. entrevista intitulada Lourdes Ramalho, no Diário do Nordeste, 2008, disponível em https://paraibacriativa.com.br/artista/lourdes-ramalho/ , acessado em: 02 de abr. 2025.

> cordel. E cordel para teatro, pelo que vejo, só eu até hoje escrevi. Fora o pessoal, os meus parentes de Espanha e Portugal e que escreviam, só eu. Eu vou lhe explicar por que: o cordel aqui é narração, o cordelista narra o fato. E o meu cordel é ação, o fato acontece. Por isso pode ser posto nos palcos. Não precisa adaptar não, a história tá acontecendo, as falas tão saindo da boca das personagens. Já é o cordel para teatro.

Esse breve trecho da entrevista revela que Lourdes Ramalho era uma mulher de personalidade forte e determinada. Apesar da proibição imposta pelo marido de exercer a arte da interpretação teatral, ela não se deixou abater e, além da sala de aula e das obrigações de mãe de família, continuou a se dedicar à escrita de textos teatrais.

Em sua dramaturgia, Lourdes Ramalho retrata o mundo, as pessoas e suas vivências inclusive, com muita frequência, por meio da linguagem do cordel, abordando temáticas contemporâneas e de grande relevância sociocultural da sua região de origem. A dramaturga destaca sua paixão pela escrita de cordéis, bem como a herança familiar que preserva desde a época de seu trisavô, evidenciando que sua forma singular de compor um gênero híbrido, o cordel dramatúrgico, confere à sua obra um valor ainda maior, tornando-a especialmente significativa e relevante para a cultura do Nordeste brasileiro.

Almeida (2024) salienta que, como demonstram as pesquisas desenvolvidas por Valéria Andrade (2001, 2012), bem antes do nascimento de Lourdes Ramalho, a escrita dramatúrgica protagonizada por mulheres surgiu no teatro brasileiro em meados do século XIX, com nomes hoje já relativamente reconhecidos por sua relevância como Josephina Álvares de Azevedo (1851-1913), Maria Angélica Ribeiro (1829-1880), Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) e Maria Jacintha (1906- 1994), que, apesar disso, tiveram seus nomes praticamente apagados e pouco considerados (Andrade, 2024). Lourdes Ramalho faz da sua escrita dramatúrgica, assim como suas antecessoras, um modo de (re)escrever o Brasil (Andrade, 2021). As mulheres, portanto, enfrentavam desafios para atuar no âmbito intelectual e artístico, sendo, sobretudo, transgressoras do sistema normativo do patriarcado que resistiam enquanto liam e escreviam.

Conforme sistematizou Valéria Andrade em seus vários estudos sobre a obra de Lourdes Ramalho (2006, 2007, 2011, 2012), existem dois ciclos que dividem as fases do repertório dramatúrgico ramalhiano:

- Nas décadas de 1970 e 1980 a dramaturga desenvolveu um projeto destinado a (re)inventar criticamente a cultura do Nordeste brasileiro. A dramaturga catalogara distintos modos de viver e de dizer o mundo de mulheres e homens nordestinos, registrando hábitos, inclusive linguísticos e alimentares, costumes e comportamentos relacionados à vida familiar e em comunidade, crenças e práticas religiosas.

- A partir de 1990, a dramaturga trabalha na promoção de uma ressignificação das raízes ibero-judaicas do universo popular nordestino do século XVI. Debruça-se a autora em restaurar traços ancestrais da cultura da sua região, dado que a proposta estética de desvendamento e de ressignificação das raízes étnicas e culturais do universo popular nordestino remete à cultura ibérica.

Conforme Andrade (2008, 2012), além desses dois ciclos, acrescenta-se um conjunto também numeroso de textos visceralmente comprometidos com a infância e suas peripécias, que se inserem na obra ramalhiana já desde os inícios de sua escrita dramatúrgica, quando a autora, ainda criança, tinha como diversão favorita brincar de teatro. Intensificada por volta dos anos 2000, esta outra produção da dramaturga destinada a crianças e jovens, que a pesquisadora considera instituir-se como um terceiro ciclo, que tem como objetivo:

- Revisitar personagens mitológicos, das fábulas, do folclore e da literatura popular em verso e de contos de fadas, além de provérbios e danças dramáticas. Sua crítica social se funde à brincadeira e ao humor, na recorrência a temas e personagens que povoam o imaginário popular. Em seu ofício de dramaturga adaptadora, se apropria das narrativas tradicionais para transmutá-las à luz das dinâmicas socioculturais do seu tempo, em diálogo com a crítica social emergente nos seus dias de mulher dramaturga e nordestina dos séculos XX-XXI (Andrade, 2008, 2012).

Destaco a relevância do legado de Lourdes Ramalho para a cultura e o povo nordestino. Ao longo dos três ciclos mencionados, a autora dedicou-se a retratar sua gente e sua terra, evidenciando as riquezas e manifestações culturais presentes na

região. Sua escrita, marcada por singularidade e profundidade, constitui uma valiosa contribuição para quem tem o privilégio de conhecer sua obra e compreender tudo o que ela representa. A dramaturga esteve comprometida com a melhoria do cenário sociocultural e político do Nordeste de sua época com as ferramentas criativas do seu tempo. Os impactos que sua obra causou vêm reverberando entre os anos, razão que nos faz esperançar um futuro melhor a cada oportunidade que temos de volver a sua obra (Almeida, 2024).

2.2 *MARIA ROUPA DE PALHA*: UMA LEITURA NA PERSPECTIVA DA MULHER NORDESTINA

Dentre os textos dramatúrgicos escritos por Lourdes Ramalho, em especial os escritos para o público infantojuvenil, ganha grande destaque o cordel dramatúrgico *Maria Roupa de Palha*, que pode ser concebido como releitura, adaptação intermidiática e intercultural do clássico conto de fadas *Cinderela*. O texto foi publicado na coletânea *Maria Roupa de Palha e outros textos para crianças* (Ramalho, 2008), organizada pelas professoras Valéria Andrade e Ana Cristina Marinho Lúcio.

O texto conta a história de Maria do Lagamar, uma menina-moça que foi deixada por seu pai, Amadeu, aos cuidados de uma mulher chamada Patroa. A narrativa de Maria do Lagamar, que posteriormente passa a ser conhecida como Maria Roupa de Palha, apresenta a trajetória de uma jovem destemida que, mesmo diante das adversidades da vida, não se deixa abater. Valendo-se de seus talentos e de sua generosidade, Maria do Lagamar empreende uma jornada pelo mundo em busca do Príncipe do Reino de Ti-Rim-Tim-Tim.

Como já foi mencionado anteriormente, a história de Maria do Lagamar é uma adaptação intermidiática e intercultural do conto *Cinderela*, o que Andrade e Almeida (2024) também concebem como uma sobrevida cinderelesca na dramaturgia utópica de Lourdes Ramalho. Além disso, Andrade e Lúcio (2008) nos descrevem esse diálogo entre as duas obras:

> A história de Maria Roupa de Palha dialoga com outros contos atribuídos ao repertório de narrativas cinderelescas da cultura popular, tais como Maria cara-de-pau, Maria Borralheira, O reino do vale verde, O reino da encantadora maravilha, O reino da Pedra Verde. Estas são algumas das narrativas cujos motivos principais são retomados e adquirem nova roupagem na obra de Lourdes

> Ramalho. Além destas versões, outros contos se assemelham, como Maria Borralheira, versão de Henrique Lisboa, e Maria tá riquinha, de Seu Manoel (Andrade; Lúcio, 2008, 18-20).

Fazendo um paralelo entre as duas histórias, a Patroa, que no conto de Cinderela é a madrasta, age de igual modo nas duas histórias, obrigando Maria desde cedo a assumir os trabalhos da casa, se estendendo para a fazenda com o cuidado dos animais. Enquanto Cinderela conta com a amizade dos ratinhos da casa, Maria Roupa de Palha tem a amizade de um papagaio, um dos personagens principais da história.

Logo no início do texto, Maria é obrigada pela Patroa a trocar suas roupas por um vestido de palha, espécie de uniforme de trabalho, representando a aspereza da mulher em cuja casa ela passa a viver, e que a trata com desdém e a obriga a realizar serviços domésticos diários exaustivos.

Nesse contexto, podemos refletir sobre vários problemas atuais na nossa sociedade, como trabalho infantil, falta de acesso à educação e a cuidados básicos de saúde, além de um dos problemas tão recorrentes nos dias de hoje: a adultização infantil, uma vez que a patroa não respeitou a faixa etária de Maria, encarregando-a de responsabilidades e atitudes que não condizem com a sua provável idade – entre adolescência e juventude –, roubando o encanto próprio do período de formação da pessoa.

Na história de Maria, tal como na de Cinderela, está presente a figura de um príncipe, encantado na forma de um papagaio devido a uma maldição impetrada por uma Fada Má. Maria é empática com o Papagaio, tornando-se sua confidente e descobrindo em sua cabeça o alfinete mágico posto pela Fada Má, o qual, sendo retirado por Maria, desencanta o príncipe. Conforme indicado por ele, Maria recebe a missão de deslocar-se até o Reino de Ti-Rim-Tim-Tim levando consigo as joias e a coroa real para torná-lo rei, casar-se com ele e, ao seu lado, tornar-se a rainha de Ti-Rim-Tim-Tim. Leia-se o trecho abaixo:

PAPAGAIO Não fique triste – eu vou
– mas você também irá.
Procure a casa do Vento
e ele lhe ensinará
o caminho do meu reino
onde estou a esperar!

MARIA Vou seguir o seu conselho.

PAPAGAIO
O Vento vou procurar
Até um dia, Maria!
No Reino estarei a aguardar
sua chegada, e então
poderemos nos casar.

Preste atenção – a caixinha
que junto a você está
tem coroa e anel do Reino
que você vai me levar
pois só a noiva do príncipe
o poderá coroar!
(Ramalho, 2008, p.16).

Andrade (2008) nos descreve que a protagonista de *Maria Roupa de Palha* embarca em uma viagem utópica com o intuito de levar as joias reais para a coroação do Príncipe do Reino de Ti-Rim-Tim-Tim, sem as quais ele não se tornaria rei e, consequentemente, não teria uma rainha, pois sua ascensão ao trono depende do seu casamento com Maria.

Nesse momento da história percebemos que Maria é uma princesa/heroína diferente das que figuram nos clássicos contos de fadas, e que não precisa de uma fada madrinha que a presenteie com um lindo vestido de baile, sapatinhos de cristais e uma carruagem, uma vez que ela possui atitudes nobres que ofuscavam o brilho dos cristais e detém atributos como coragem, fé, resiliência, empatia e bondade, devido aos quais consegue chegar ao Reino de Ti-Rim-Tim-Tim.

Observa-se, ainda, que o príncipe permanece à espera de Maria, sendo ela quem parte em sua busca, ao contrário de Cinderela, que espera passivamente pelo seu príncipe, o qual sai à procura da dona dos sapatinhos de cristal. O príncipe ramalhiano deposita sua confiança na protagonista, que assume a responsabilidade de percorrer uma longa jornada até o Reino de Ti-Rim-Tim-Tim. Todas as considerações apresentadas até aqui evidenciam o talento de Lourdes Ramalho e seu comprometimento com uma escrita utópica, repleta de significado e de grande valor para todos que têm o privilégio de conhecê-la, principalmente pelo seu compromisso com a visibilidade da figura feminina à luz da jornada da heroína.

Reforçando as considerações apresentadas até aqui, Almeida (2024), tomando como base o pensamento de Carl Gustav Jung, destaca os significados e os efeitos que os contos de fadas proporcionam e representam:

> O fundador da psicologia analítica Carl Gustav Jung, mais conhecido por Jung, em Chegando ao inconsciente (JUNG, 2000), reforça que o conto de fadas liberta os arquétipos que habitam no inconsciente coletivo e, quando lemos um bom conto de fadas, estamos obedecendo ao antigo preceito de “conhece-te a ti mesmo”. Para Jung, voltar-se para dentro e explorar o mundo interior a ponto de alcançar o autoconhecimento é a maior tarefa do ser humano. Por estes e outros motivos, podemos sugerir que no nosso inconsciente temos a ambição utópica pela glória dos raios de sol dourados e repudiamos as cinzas do borralho do cenário distópico (Almeida, 2024, p.121).

Por sua vez, Andrade (2008; 2012) compreende que Lourdes Ramalho promove uma transmutação de narrativas tradicionais à luz das dinâmicas socioculturais do seu tempo, em diálogo com a crítica social emergente nos seus dias de mulher dramaturga e nordestina dos séculos XX e XXI. Isso nos leva a considerar que Lourdes Ramalho criou uma Maria para inspirar tantas outras Marias a terem coragem de mudar sua realidade e seguirem seus sonhos, razão para comungarmos com as ideias de Almeida e Andrade (2023) acerca dos utopismos ramalhianos como modos de ser, pensar e agir no enfrentamento às intempéries de um mundo Distópico para as mulheres.

Para cumprir a missão recebida, Maria sai à procura da Casa do Vento. Malsucedida nessa primeira parte de sua jornada, a protagonista passa sete meses sem achar o lugar. Com isso fica evidente que a mudança de situação não vem de imediato, mas, exige paciência e determinação. Na cena 10, vemos que as nuvens avistam Maria e logo decidem ajudar, levando-a para desaguar em um rio, onde acontece seu encontro com os peixes que a presenteiam com belos acessórios, a exemplo de uma coroa de algas, pulseiras de pedrinhas, broche de estrela-do-mar, sapatos, dois brincos de pérola e um xale para agasalhar.

No decorrer da história, Maria recebe a ajuda também de corpos celestes: dos Asteroides, do Sol e da Lua, que mesmo possuindo todo seu brilho, poder, admiração e magnificência, não mediram esforços para ajudar a modesta Maria, demostrando mais uma vez, atitudes nobres e próprias do mundo utópico de Lourdes Ramalho.

Para Almeida (2024), Maria recebeu sete lições poderosas dos seres mágicos durante a viagem – (1) unidade, (2) autoestima, (3) paciência, (4) empatia, (5) prevenção, (6) honra e (7) confiança:

> O que me impulsiona a levantar a hipótese de que, vinda da Terra do Confim – que seria um país cuja sociedade é marcada por um histórico de humilhação, privação, agressividade, machismo(a), egoísmo, preconceito, abandono, exploração do trabalho infantil e outras mazelas de um cenário social distópico –, para gozar de um reino harmonioso como Ti-Rim-Tim-Tim, a heroína precisaria ter passado por cada estágio, sentindo na pele os desafios para tornar-se pronta a viver neste reino utópico, habitado por seres que, semelhante aos que encontrou ao longo da jornada, exercem naturalmente essas sete lições poderosas (Almeida, 2024, p. 182).

Percebemos que a história de Maria Roupa de Palha é rica em vários ensinamentos e valores, principalmente para o público feminino, uma vez que a protagonista é diferente do arquétipo cinderelesco do conto de fadas tradicional que conhecemos. Isto é, Maria não espera por um príncipe encantado para salvá-la dos perigos de sua jornada.

Maria é uma protagonista construída por uma mulher nordestina, criando uma aproximação com meninas/mulheres nordestinas do campo, uma vez que ela enfrenta dramas parecidos com os delas, em um cenário também semelhante ao delas, causando uma aproximação e sendo uma fonte de inspiração, no sentido de serem mulheres corajosas, autênticas e empoderadas, numa sociedade em que o feminino é concebido a partir do mito da inferioridade em relação ao masculino.

Almeida (2024), com base nas ideias de Maureen Murdock (2022), reforça que a jornada da heroína não é fácil, uma vez que não existem mapas nem uma idade cronológica específica para iniciá-la. Maria, por exemplo, passou meses em busca da Casa do Vento, enfrentando dificuldades que poderiam tê-la levado a desistir de sua missão. A trajetória da mulher não é validada pelo mundo exterior, sendo este, muitas vezes, o principal responsável por interferências e atrasos na jornada. Lourdes Ramalho denuncia com acentuada evidência o lugar das mulheres na sociedade patriarcal. Por meio de textos teatrais para crianças, a dramaturga tomou estratégias múltiplas de reinvenção de mitos e lendas populares para agregar questões relacionadas às ordens sociais e políticas decorrentes da igualdade nas identidades de gêneros feminino e masculino na perspectiva da utopia (Almeida, 2024).

No que se refere às produções voltadas para o público infantojuvenil que retratam princesas e heroínas, observa-se uma mudança significativa nos últimos anos. As narrativas contemporâneas aproximam-se, em muitos aspectos, daquilo que Lourdes Ramalho propõe em suas obras: protagonistas femininas fortes, que

buscam transformar tanto seu mundo interior quanto o exterior, por meio de atitudes nobres e admiráveis, tornando-se espelhos inspiradores para inúmeras crianças. Entre essas produções, podemos citar *Valente* (2012), de Brenda Chapman e Mark Andrews; *Frozen – Uma Aventura Congelante* (2013), de Jennifer Lee e Chris Buck; *Moana – Um Mar de Aventuras* (2016), de Ron Clements e John Musker; entre outras obras cinematográficas que perpetuam o mesmo ideal utópico presente na escrita dramatúrgica de Lourdes Ramalho.

Ao discutir a noção de utopia presente no cordel dramatúrgico *Maria Roupa de Palha*, argumenta Almeida (2024) que o ser humano, diferentemente dos demais seres — animais e vegetais —, caracteriza-se por sua capacidade de pensamento e criatividade. Nesse contexto, o pensamento utópico emerge como resposta a cenários de insatisfação. O Ser-Utópico, tal como concebem os utopistas, portanto, trilha uma trajetória orientada pelo paradigma da busca pela felicidade, fundamentada na ideia de prosperidade e bem-viver. Assim, a utopia revela-se como um elemento inerente à condição humana, sendo ela o que impulsiona o indivíduo em sua caminhada existencial.

Ainda destacando as ideias de Almeida (2024) acerca da sua leitura na perspectiva da cosmovisão utópica sobre a obra ramalhiana, temos:

> Em pormenores, o modo como a dramaturga promove a utopia em seus textos repousa na inserção de procedimentos estéticos oriundos de uma linguagem tipicamente característica da cultura popular. E ela o faz como estratégia para aproximar as(os) leitoras(es)/espectadoras(es) da obra – em se tratando do contexto nordestino –, ao mesmo tempo que estas(es) fazem uma expedição num universo novo, pouco explorado, pelo maravilhamento de uma viagem utópica, durante e ao final da qual aprende a transubstanciar – à la Haquira Osakabe (1998) – matéria ideal em matéria real. Outrossim, aprende a naturalizar o sonho, a acreditar que este Mundo às Avessas pode ser alcançado. Além disso, a se sentir motivado a intervir em sua realidade, como num Ambiente de Inovação (Almeida, 2021), a fim de encontrar meios e recursos para se engajar em projetos de resolução de problemas observados em sua sociedade, ou seja, uma jornada utópica do texto/palco para a vida – e da vida para o texto/palco (Almeida, 2024, p. 86).

O encantamento ao ler o cordel dramatúrgico *Maria Roupa de Palha* ocorre do início ao fim. Lourdes constrói uma narrativa com um enredo envolvente, ora situada em um cenário triste e de pouca expectativa, ora em uma jornada de aventuras,

ambientada em uma espécie de conto de fadas composto por belos elementos da natureza, que nos situam imaginariamente em paisagens encantadoras.

O sonho utópico manifesta-se na capacidade humana de imaginar cenários voltados para a melhoria de condições de vida na sociedade. Impulsionados pela vontade de transformação, pois, saímos da inércia e buscamos caminhos que nos levem a mudanças e concretização de nossas realizações. Trata-se também de um exercício de esperança e uma fonte de aprimoramento, pois quanto mais o ser humano busca e realiza seus sonhos, mais percebe a necessidade de continuar evoluindo. A utopia como motor de transformação social (Vieira, 2021).

Diante do que foi apresentado até aqui, percebe-se a importância de se trabalhar com o texto *Maria Roupa de Palha* nas escolas, em particular nas escolas do campo. Trata-se de uma narrativa rica em ensinamentos e uma fonte de inspiração.

3 LEITURA DO CORDEL DRAMATÚRGICO NA SALA DE AULA

3.1 LEITURA LITERÁRIA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Sabe-se da importância da leitura literária para o processo de aprendizagem de estudantes da educação básica em diversas dimensões da vida em sociedade, sobretudo no que se refere a essa prática como um instrumento de ascensão social. A leitura em geral e, em particular, a de obras literárias estimula o pensamento crítico, amplia o vocabulário, desenvolve a criatividade e a imaginação, aumenta o conhecimento de mundo, além de ser uma ferramenta pedagógica necessária ao exercício da cidadania. Como explica Reynolds (2004), citado por Segabinazi e Cosson (2023), a prática da leitura literária para fins educativos é realizada desde a Antiguidade:

> A prática da leitura de obras literárias em processos educativos é uma constante desde a Antiguidade, como testemunham as restrições de Platão a determinados tipos de textos na formação de cidadãos em sua República e o registro feito por Plutarco sobre a formação de Alexandre, o Grande. O uso dos textos clássicos nas disciplinas do Trivium, que constituíam a base das artes liberais, mostra a importância que se dava ao manuseio desses textos no período medieval (Reynolds, 2004, *apud* Segabinazi; Cosson, 2023, p. 7).

Com base nas ideias desse autor, compreendemos a importância da leitura para a vida das pessoas, mas sabemos também que, muitas vezes, essa atividade é posta em segundo plano. Os desafios para o incentivo à leitura são inúmeros e, na atualidade, esses obstáculos, tais como excesso de tela e estímulos digitais têm aumentado cada vez mais, fazendo com que as perspectivas se tornem reduzidas.

Para citar um exemplo, a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (Failla, 2024) realizada pelo Instituto Pró Livro, em sua sexta edição, realizou uma pesquisa em 2024 que apresenta dados sobre os leitores em todo o país. Os resultados dessa pesquisa revelam muito sobre os leitores de hoje e apontam suas maiores dificuldades e obstáculos que impedem o desenvolvimento do hábito da leitura.

A pesquisa apontou que 36% dos entrevistados têm alguma dificuldade para ler. Entre as dificuldades mais citadas estão, em maior porcentagem: a falta de paciência para a leitura, dificuldades de concentração e a incompreensão dos textos lidos. Essas dificuldades podem ser explicadas por diversos fatores e estão, muitas vezes, relacionadas ao imediatismo da vida moderna, marcada pelo consumo rápido

e superficial de informações. Os meios tecnológicos, embora possibilitem o acesso a uma grande quantidade de conteúdo, também acabam contribuindo para a perda da concentração e da paciência com atividades que exigem mais tempo e atenção, a exemplo da leitura de textos literários, em particular os de maior extensão. Ter tudo nas mãos, de forma imediata, traz consigo uma série de desafios, entre os quais podemos destacar justamente os problemas apontados na pesquisa: a impaciência para ler, a dificuldade de concentração e a falta de compreensão do que se lê.

Além disso, a pesquisa relatou que a maioria dos entrevistados gastam o seu tempo livre usando a Internet. Chartier (1998), por sua vez, explica que os aparelhos eletrônicos impõem limites, e nos distanciam dos hábitos mais íntimos com a leitura e questiona-se como a leitura de certos textos que envolvem a afetividade do leitor pode ser possível por meio dessa mediação fria, uma vez que o computador, por ser uma máquina tecnológica, não oferece o mesmo conforto e intimidade que um livro físico. O meio digital transmite algo menos acolhedor, tornando mais difícil criar uma relação afetiva com o leitor, por se tratar de uma mediação fria. O autor trata que:

> O fluxo seqüencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis como no livro, que encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler. (Chartier, 1998 p. 13).

As ideias de Chartier coincidem com os dados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, tendo em vista a revelação feita pela pesquisa: leitores que utilizam meios digitais para a prática da leitura demonstram maior dificuldade de concentração, sendo frequentemente interrompidos por notificações de mensagens que chegam constantemente.

Em contrapartida, os leitores que recorrem ao livro impresso tendem a manter-se concentrados por mais tempo, ampliam seu vocabulário e repertório informativo, além de desenvolverem maior capacidade de imaginar personagens e descrições, compreendendo melhor a narrativa apresentada.

Apesar dos diversos benefícios associados à leitura de livros impressos, conforme relatado pelos entrevistados da pesquisa, esta aponta que 35% dos participantes nunca adquiriram um livro. Isso indica que, embora reconheçam as

vantagens do formato físico, muitos optam pelo meio digital, mesmo este não sendo considerado, segundo a pesquisa, o mais adequado para o processo de leitura e aprendizagem.

Observa-se ainda que a pesquisa trouxe dados preocupantes, visto que quando foi perguntado aos entrevistados se houve alguém que os influenciaram a gostar de ler, os dados informam que 71% dos participantes não foram influenciados por ninguém ou não gostam de ler. Um dado alarmante, principalmente para o ofício de docentes na área de Linguagens.

No entanto, entre os poucos que responderam que sim, alguém influenciou seu gosto pela leitura, os entrevistados afirmaram terem sido influenciados pela mãe ou por uma responsável do sexo feminino, ou ainda por algum professor ou professora.

Partindo para uma discussão que envolve a escola como incentivadora da leitura, Chartier (1998) nos descreve que:

> Portanto temos, de um lado, os ensinamentos da escola e, de outro, todas as aprendizagens fora da escola, seja a partir de uma cultura escrita já dominada pelo grupo social, seja por uma conquista individual, que é sempre vivida como um distanciamento frente ao meio familiar e social e, ao mesmo tempo, como uma entrada em um mundo diferente (Chartier, 1998, p.105).

A escola exerce um papel fundamental como motivadora da leitura, contribuindo significativamente para a formação de leitores críticos e conscientes. É nesse espaço que os estudantes têm acesso a diferentes gêneros textuais e à valorização da literatura nacional e regional, aspectos essenciais para o desenvolvimento do letramento literário.

No entanto, a instituição escolar não deve ser considerada a única responsável por esse processo. O ambiente familiar exerce uma influência decisiva, sobretudo quando o incentivo à leitura é introduzido ainda na primeira infância.

Uma estratégia eficaz de incentivo à leitura no ambiente escolar consiste na seleção de gêneros e narrativas que dialoguem com o cotidiano dos estudantes, promovendo, assim, maior aproximação e identificação com o conteúdo textual. Conforme destaca Chartier (1998, p. 152): “O texto implica significações que cada leitor constrói a partir de seus próprios códigos de leitura, quando ele recebe ou se apropria desse texto de forma determinada”. Isso quer dizer que quando os leitores se reconhecem nas histórias apresentadas pelos autores, há uma tendência ao

aumento do interesse pela leitura, o que contribui para a formação de leitores que não apenas desenvolvem habilidades interpretativas, mas também experimentam o prazer e o gosto pela prática leitora.

Dessa forma, tendo em conta a discussão travada pelos autores referidos, é possível afirmar que o estímulo à leitura demanda um esforço coletivo e compartilhado. A escola, por si só, não consegue cumprir essa missão de maneira plena; trata-se de uma via de mão dupla que, quando realizada em parceria com a família e a comunidade, tende a produzir ganhos mais significativos e duradouros na formação do leitor.

3.2 LITERATURA DE CORDEL E CORDEL DRAMATÚRGICO

A partir da perspectiva histórico-comparativa das pesquisas desenvolvidas por Márcia Abreu (1999), em que se confrontam a literatura de cordel portuguesa e a literatura dos folhetos produzida na região Nordeste do Brasil, Rafael Barros de Sousa (2017) evidencia que historicamente a literatura de cordel chega ao Brasil, vinda de Portugal, por volta do século XVIII, durante o início da colonização, havendo uma espécie de transplante a partir do que se constituía como literatura de cordel em Portugal e que, chegando do lado de cá do Oceano Atlântico muito se modificou, transformando-se e tornando-se outra produção literária, que hoje conhecemos como a literatura de cordel brasileira. Vale ressaltar as diferenças entre as produções lusitanas e a produção dos folhetos de cordel especificamente no Nordeste brasileiro que, segundo Abreu (1999 *apud* Vidal, 2017) não se pode atribuir de forma absoluta o surgimento dos folhetos nordestinos ao que se produzia em Portugal como literatura de cordel, justamente ressaltando importantes diferenças que distinguem uma produção da outra.

Sousa (2017) aponta outra característica que distingue ambos os estilos, ressaltando que tal aspecto, no futuro, não representará um fator limitante ao acesso. Isso porque, na atualidade, o cordel é amplamente acessível, sendo de fácil obtenção e apresentando baixo custo tanto para os produtores quanto para os leitores:

> Outra diferença entre as produções de literatura de cordel portuguesa e brasileira refere se ao fato de que, no Brasil, sua circulação, sobretudo nos seus primórdios, não chegava a todas as camadas sociais, enquanto isso em Portugal, o acesso devido ao

> baixo custo alcançava o público de modo bem amplo, desde pessoas mais favorecidas até as menos favorecidas economicamente. No Brasil, o cordel não chegava a todos os públicos devido às temáticas que subsidiavam sua produção girarem em torno de acontecimentos cotidianos, abordando crimes, romances, histórias que os mais velhos contavam, denúncias contra poderosos, políticos da época, ressaltando uma força muito grande perante as classes pobres que eram maiorias, instalando uma possível "revolta" nos detentores do poder na época (Sousa, 2017, p. 31).

Sousa (2017) descreve que no Brasil, mais precisamente na região Nordeste, local de grande aceitação dessa forma de literatura única, o cordel começou a ser popularizado por cantadores, na forma oral a partir de versos criados na hora. Sua produção impressa constitui-se a partir da seguinte estruturação:

- Quadra – composta por uma estrofe de quatro versos;
- Sextilha – estrofe de seis versos;
- Septilha – estrofe de sete versos, menos comum de ser encontrada;
- Oitava – estrofe de oito versos
- Quadrão – os três primeiros versos rimam entre si, o quarto com o oitavo e o quinto, o sexto e o sétimo também entre si;
- Décima – estrofe de dez versos
- Martelo – estrofes formadas por decassílabos (estes são muito comuns em desafios e versos heroicos).

Compreendemos, portanto, que o cordel produzido no Brasil é muito diferente do de Portugal, especialmente no modo de produção e circulação. O estilo do cordel brasileiro, em especial o nordestino, possui uma forma fixa de escrita, com métrica e rimas.

Sobre o conceito de literatura, que nos ajudará a perceber as especificidades do cordel dramatúrgico, Câmara Cascudo, em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro* (2001), diz que esta compreende todas as formas literárias existentes. Em torno dessa perspectiva, pode-se classificar a literatura em três gêneros distintos, a saber, segundo anotado por Moreira (2015):

> **Literatura oral** definida como aquela que inclui os contos de fadas, anedotas, causos, desafios e outros; **literatura tradicional** definida como aquela que é sempre impressa, e tem sua permanência no

> tempo constantemente renovada pela reimpressão, pertencendo a essa categoria as novelas, como o exemplo de Carlos Magno e os doze pares de França, Roberto do Diabo, Imperatriz Porcina, entre outras; **literatura popular** definida como aquela que embora impressa não exclui a passagem à oralidade. Esta última forma, a literatura popular, é veiculada por meio de folhetos que abordam os mais variados temas, mais conhecida como Literatura de Cordel (Moreira, 2015, p. 43, grifos meus).

Cientes desses três gêneros distintos indicados por Moreira (2015), entre outras percepções acerca dos estilos, tipos e formas do fenômeno literário, podemos inferir que a literatura de cordel assume um papel significativo no contexto escolar, por contribuir com a preservação da cultura popular nordestina e a valorização da linguagem regional. Trata-se de um gênero que dialoga com diversas manifestações artísticas, como o teatro, a dança, a música, a pintura e o desenho, estimulando, dessa forma, a criatividade e a produção textual e visual dos estudantes.

A partir do estudo desenvolvido por Andrade e Maciel (2008), Almeida (2024) destaca que o conceito de teatro em cordel remete a um gênero híbrido que reúne tradições escritas e orais com características dramáticas constituídas no universo nordestino. Segundo afirmam Andrade e Maciel (2008, p.103) “a expressão teatro de cordel diz respeito a duas acepções: uma portuguesa (que nos remete ao século XVII, atravessando, ainda, os séculos XVIII e XIX) e uma brasileira (circunscrita ao século XX)”. Tendo em conta, portanto, caminhos que seguem do “cordel ibérico” ao “folheto nordestino”, compreende-se que esse conceito de *teatro em cordel* é sustentado pela assimilação dos procedimentos estéticos-formais do folheto nordestino, em suas linguagens, temas, formas e suporte (Andrade; Maciel, 2008). A estrutura dramatúrgica presente no texto teatral e no cordel dramatúrgico caracteriza-se pela apresentação direta da ação das personagens, sem a mediação de um narrador.

Diante do discutido até aqui, percebemos que o cordel dramatúrgico, ou *teatro em cordel*, escrito e assim denominado por Lourdes Ramalho, é o cordel pronto para os palcos. Neste sentido, conforme já referido no capítulo 2, observamos que a própria Lourdes Ramalho afirma que o cordel dramatúrgico escrito por ela se constitui essencialmente pela ação mesma das personagens. Os acontecimentos desenvolvem-se, assim, de forma imediata, de modo que o texto já se encontra apto para a representação cênica, não havendo necessidade de adaptação, uma vez que as falas emergem diretamente das personagens.

Por sua vez, Moreira (2015) também nos deu a saber acerca da relação do fazer literário no território nordestino atrelado às vivências do cotidiano popular, razão pela qual os cordéis recuperam memórias coletivas, dão visibilidade às experiências sociais do povo e estimulam o fazer artístico de modo a gerar engajamento entre escritores e leitores. Nessa perspectiva, Moreira discute:

> Os meios estratégicos apresentados só são possíveis devido à longa tradição de uso desses versos nordestinos e da grande intimidade com essas artes inseridas no cotidiano popular. Pois a habilidade no manuseio desses instrumentos estéticos, por parte desses artistas, é facilitada pela latente intimidade dos mesmos com estes elementos, por estarem tão entranhados em seus afazeres cotidianos. E o fazem porque existe também o interesse na construção de uma dramaturgia e de um teatro próprios, que possibilitem maior alcance da arte popular, a realização sistematizada de um registro, a ampliação de sua divulgação, conferindo-lhe, assim, o merecido lugar de respeito de que não carece no âmbito popular, mas, evidentemente, lhe falta no âmbito acadêmico (Moreira, 2015, p. 82).

Essas considerações nos ajudam a compreender que os(as) autores(as) de literatura de cordel produzem suas obras a partir de um repertório cultural próprio, frequentemente inspirado em suas vivências e na realidade em que estão inseridos, em consonância, naturalmente, com os procedimentos artístico-literários em geral.

A literatura de cordel na sala de aula torna-se um recurso atrativo que gera engajamento dos estudantes nas práticas de leitura criativas, dado que a poesia pode ser explorada como um jogo, ou seja, um modo de brincar com a linguagem e explorar as múltiplas possibilidades de oralização do texto. A esse respeito, Coelho (2010) destaca:

> É esse jogo de palavras, o principal fator da atração que as crianças têm pela poesia, transformada em canto (as cantigas de ninar, cantigas de roda, lenga-lengas...). Ou pela poesia ouvida ou lida em voz alta, que lhes provoque emoções, sensações, impressões, numa interação lúdica e gratificante (Coelho, 2010, p. 222).

Além desse aspecto envolvendo a oralização do texto, o cordel nos provoca um impacto visual, já que, em sua materialidade como suporte gráfico, muitos são escritos em diálogo com a xilogravura. O estilo visual do folheto de cordel já é uma ferramenta de aprendizagem, trazendo diversos estilos artísticos. Sendo assim, torna-se um aliado no aprendizado das crianças, que, inicialmente, são atraídas pelo aspecto estético, ou seja, pelas cores, formas, sons e imagens que despertam seus

sentidos e emoções. Esse primeiro contato visual e sensorial estimula o interesse e a curiosidade, favorecendo o desenvolvimento de diversas habilidades nos campos artísticos. Além disso, contribui com algo que já foi citado neste trabalho e que é um dos elementos mais importantes, isto é, o desenvolvimento de habilidades de análise crítica e a construção da identidade cultural, como descreve Sousa (2017):

> Os folhetos de cordel constituem-se um recurso pedagógico de grande relevância e interesse a ser levado para a sala de aula como material de várias atividades, oferecendo um grande poder de compreensão por parte de quem lê, pois, traz elementos que fazem parte do discurso cotidiano dos alunos e que impulsiona grandes discussões e gerencia a construção do conhecimento em sala de aula, estendendo-se para além dos muros da escola, revelando assim um caráter educacional, social e político, pela sua simplicidade enquanto folheto de baixo custo, como também pela sua estruturação que chama a atenção desde a capa até a rima e a métrica, pois são elementos que envolvem e encantam os alunos. (Sousa, 2017, p. 33).

Essas características intensificam ainda mais as condições favoráveis à aprendizagem de habilidades de leitura, compreensão, escrita e oralidade, além de contribuírem para desenvolver nos estudantes a autonomia, criatividade, sensibilidade, interpretação e empatia. Sousa (2017) explica que a inserção dos folhetos de cordel em sala de aula não tem a finalidade de formar poetas e sim leitores, ainda que não seja raro acontecer de se descobrirem poetas talentosos e habilidosos entre os alunos que venham a compor versos e escrever seus próprios folhetos. Entre os objetivos mais férteis de se levar o cordel para a sala de aula destacamos primeiramente a ação de promover o incentivo à leitura, como também a de envolver os alunos com a sua própria cultura e construir conhecimentos a partir das vivências leitoras e estéticas, estimulando um olhar crítico do que se vê e do que se lê.

4 PRODUÇÃO DE RECURSO DIDÁTICO PARA A PRÁTICA DE LEITURA EM SALA DE AULA

4.1 A IMPORTÂNCIA DOS RECURSOS DIDÁTICOS

Ao refletir sobre a importância dos recursos didáticos, recordo o período em que fui estudante da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, entre os anos de 2005 e 2015. Nesse contexto, observava-se que as aulas se tornavam mais dinâmicas e atrativas quando o professor incorporava algum recurso diferenciado, o que não apenas favorecia a compreensão dos conteúdos, mas também despertava maior interesse e engajamento por parte dos estudantes. Diante disso, Belmino e Santos (2013) descrevem:

> Os professores podem utilizar esses instrumentos didático pedagógicos para desenvolver um tipo de aula diferente, de forma mais dinâmica e proveitosa. Quando o professor usa esses recursos, ele torna a aprendizagem dos educandos significativa, acessível e evitam que as aulas tornem-se monótonas, rotineiras ou que caiam na mesmice do dia-a-dia (Belmino; Santos, 2013, p. 4).

No momento que se promove o envolvimento com as atividades e com todos da sala de aula, cria-se um ambiente de socialização das informações, revelando outro ponto importante dos recursos didático-pedagógicos, que despertam nos estudantes a curiosidade, a capacidade de observar, de questionar e a vontade de participar das atividades. Todas as experiências apontam para resultados positivos na utilização de recursos didáticos-pedagógicos (Belmino; Santos, 2013)

Porém, o recurso didático só se concretiza quando o professor está disposto e dispõe de tempo para desenvolvê-lo e elaborá-lo. Estando hoje do outro lado da experiência de ensino-aprendizagem, ou seja, atuando como professora, percebo ainda mais a relevância desse recurso no contexto da prática pedagógica. Em contrapartida, reconhece-se que o docente, em razão das múltiplas funções que exerce, nem sempre dispõe do tempo necessário, e, mesmo quando há disposição para produzir o material, faltam, em muitos casos, os recursos materiais e financeiros. Diante dessa problemática, Santos (2014) propõe que:

> A produção de materiais didáticos pelos professores também pode ser uma política pública, num incentivo à pesquisa e preparo de materiais didáticos no período destinado a atividades extra classe – 1/3 da jornada do magistério público da escola básica definidos na

> Lei nº 11.738 de 16 de julho de 2008 –, desde que não seja similar as demais políticas públicas voltadas para a educação, que ao contrário de criar possibilidades engessam o trabalho do professor sendo mais uma obrigação burocrática, mais relatórios, mais respostas a dar às secretarias de educação (Santos, 2014, p. 7).

A importância do material didático é indiscutível, desde que seja utilizado de forma adequada, com objetivos, habilidades/competências a desenvolver e processos de desenvolvimento previamente estabelecidos. Quando planejado corretamente, ele possui um potencial significativo para a aprendizagem. Contudo, como mencionado anteriormente, é fundamental que existam políticas públicas que apoiem o professor na elaboração desses materiais. Santos, (2014) descreve que uso de materiais didáticos diversificados possibilita dinamizar a aula, além de estabelecer nova relação entre discente e conteúdo a ser trabalhado, não significando, contudo, que seja a tábua de salvação para todos os problemas enfrentados no cotidiano escolar.

4.2 ETAPAS DA PRODUÇÃO DO LIVRO TEXTURIZADO INTERATIVO

A produção de um recurso didático-pedagógico em forma de livro texturizado interativo mostrou-se uma experiência altamente proveitosa, sendo recompensador observar o avançar das páginas e a interação entre os materiais previamente planejados, que, ao serem combinados, demonstravam coerência e sentido. Um dos principais desafios enfrentados durante o processo consistiu na representação de elementos da natureza, como asteroides e o vento redemoinho. A concepção e transposição desses elementos para o suporte físico exigiram pesquisas detalhadas, incluindo a análise de modelos disponíveis na internet, a fim de viabilizar a criação dos moldes e sua posterior reprodução em feltro. Destaca-se que o vento redemoinho constituiu o elemento de maior complexidade, dada a dificuldade de materializar algo perceptível apenas sensorialmente.

De maneira geral, a maior parte do processo revelou-se extremamente proveitosa. A obra *Maria Roupa de Palha* propicia a imaginação de ambientes fantásticos, e a possibilidade de recriar esse universo por meio de um livro texturizado e interativo configura-se como uma experiência significativa, enriquecedora e de caráter eminentemente lúdico, evidenciando o potencial das práticas interativas na mediação do conhecimento e da imaginação.

4.2.1 Apresentação do Livro

As personagens (Figura 1) foram idealizadas como bonecos de fácil manuseio, confeccionados a partir dos mesmos materiais utilizados em todo o livro.

Figura 1 – Personagens



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2025

A protagonista, Maria Roupa de Palha, apresenta cabelos de lã marrom em forma de tranças e uma expressão facial que remete à doçura e à gentileza. Inicialmente, veste um traje simples, estampado com pequenas flores, em consonância com sua meiguice. Ao longo da narrativa, passa a usar também um vestido confeccionado em palha e, posteriormente, um vestido branco, no estilo de noiva, destinado ao desfecho da história. O príncipe é caracterizado com cores que remetem à plumagem do papagaio, aludindo à sua condição anterior de transformação. Sua expressão facial evidencia felicidade e bondade. O pai de Maria, por sua vez, é representado como um homem simples, cuja expressão transmite certa apatia, nem de plena alegria nem de tristeza profunda, refletindo o momento de entrega da filha aos cuidados de outra pessoa. Já a patroa é construída com tons mais sóbrios, adornada com acessórios em pérola roxa, que simbolizam o luxo, e uma expressão facial que remete à maldade.

A capa do livro (Figura 2) foi concebida com o propósito de remeter à cortina do teatro, estabelecendo a referência ao caráter dramatúrgico do cordel. O título e o nome da autora foram elaborados em bordado, recurso que reforça a valorização do trabalho manual e a dimensão afetiva implicada no processo de criação.

Figura 2 – Capa do livro



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2025

A casa da patroa (Figura 3) foi concebida de modo a representar a residência já em processo de construção visual, cuja fachada apresenta objetos de limpeza, como vassoura, rodo e balde, que posteriormente serão utilizados por Maria. A cena inclui ainda um varal com roupas estendidas, remetendo a mais uma das tarefas domésticas que a personagem deverá desempenhar em sua nova morada. À direita da página, há um desdobramento que revela uma caixa repleta de joias, elemento simbólico que remete ao momento em que Maria recebe a missão de levar a coroa até o príncipe.

Figura 3 – Casa da Patroa



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2025

A floresta (Figura 4) apresenta na narrativa um espaço estético que remete a um ambiente utópico. Trata-se de uma paisagem ao ar livre, marcada pela presença de vegetação abundante, flores, frutas, joaninhas e borboletas, compondo uma atmosfera de encantamento. Nesse cenário também se inserem as três nuvens, que interagem com Maria e a auxiliam em sua missão.

Figura 4 – Floresta



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2025

O ambiente da praia (Figura 5) foi elaborado a partir da incorporação de diversos elementos característicos do fundo do mar, como algas, conchas e ondas. Entre esses elementos, destaca-se o colar de algas que surge no movimento das ondas, bem como a presença do vento em forma de redemoinho. Além disso, a cena inclui três peixes que auxiliam Maria no cumprimento de sua missão.

Figura 5 – Praia



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2025

O ambiente do Mundo da Lua (Figura 6) foi desenvolvido de modo a representar os asteroides com suas capas douradas, que remetem ao movimento característico desse cenário. A composição inclui ainda o vento em forma de redemoinho e a lua circundada por estrelas, reforçando a atmosfera cósmica da cena.

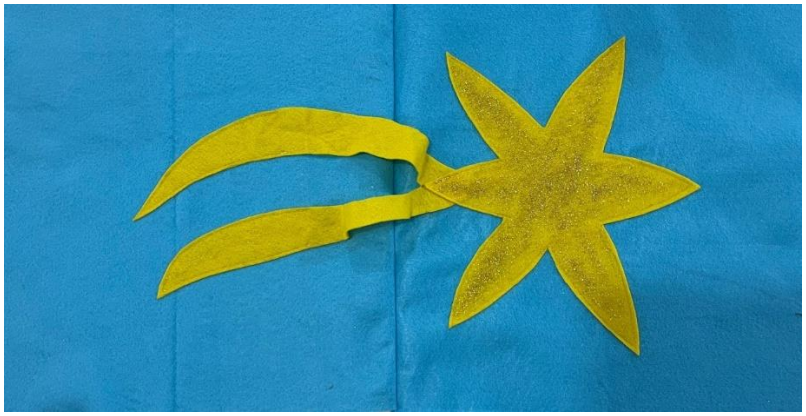
Figura 6 – Mundo da Lua



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2025

O ambiente do Mundo do Sol (Figura 7) é representado por um grande astro solar, cuja forma estelar remete à sua configuração real. Dois raios proeminentes se estendem a partir do seu núcleo estrelado, funcionando como as rotas solares que conduzem Maria em sua jornada até o Reino Encantado, reforçando a dimensão simbólica do Sol como elemento de proteção e direção dentro da narrativa.

Figura 7 – Mundo do Sol



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2025

O Reino Encantado (Figura 8) apresenta cores vibrantes que remetem à alegria, destacando-se um grande castelo rodeado por diversos papagaios, representando os irmãos, e pelo príncipe de feição risonha, cujas cores verde e azul evocam a plumagem dos papagaios.

Figura 8 – Reino Encantado



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2025

O desdobramento da página à direita revela uma mesa repleta de iguarias para a festa de casamento, sobre a qual se ergue um arco-íris, simbolizando o ciclo da missão enfrentada por Maria do Lagamar. Suas múltiplas cores representam a

diversidade da natureza e reforçam a ideia de que, com união, é possível alcançar um mundo mais harmonioso e feliz.

4.2.2 Escolha de Tecidos

O livro foi confeccionado predominantemente em feltro, abrangendo desde as páginas até as personagens do cordel dramatúrgico *Maria Roupa de Palha* transpostos para o suporte escolhido e os vários elementos e objetos cênicos integrados à dramaturgia de Lourdes Ramalho.

A escolha desse material deve-se à sua versatilidade, que facilita o processo de manipulação, permitindo desenhar moldes, realizar cortes, colagens e costuras com relativa facilidade. Além disso, o feltro apresenta ampla variedade de cores, o que possibilitou a elaboração de diferentes cenários que compõem a narrativa. Para complementar a produção, também foi utilizado tecido de algodão na confecção das pequenas roupinhas expostas no varal e no primeiro vestido usado pela personagem Maria Roupa de Palha.

Empregou-se ainda tecido de renda para a confecção do vestido de casamento dessa personagem, bem como tecido de veludo para o revestimento da caixinha de joias que compõe o conjunto dos objetos cênicos da dramaturgia, acrescentando diversidade estética e riqueza de detalhes ao material didático. Ademais, utilizou-se tecido de organza para a representação das ondas do mar e tecido de linho para compor a areia, conferindo maior realismo e textura à ambientação da obra.

Figura 9 – Materiais que foram usados para a confecção do livro



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2025

4.2.3 Elementos de Fixação e Materiais Estruturais

Optou-se pelo uso do fixador VELCRO para a fixação das personagens nas diferentes páginas do livro. Tendo em vista a proposta de se produzir um material didático em forma de livro interativo, consideramos que o sistema de fixação do VELCRO possibilitaria a manipulação dos vários elementos da narrativa pensados na perspectiva de serem movidos por entre as diferentes páginas da obra e, ao mesmo tempo, garantindo que permaneçam fixadas mesmo durante o seu manuseio. Para a composição dos detalhes, foram utilizados diversos materiais: miçangas, empregadas na representação das conchas no fundo do mar e também utilizadas para confeccionar os olhos dos papagaios; pérolas, que serviram tanto para complementar as conchas quanto para a produção dos brincos e colares de Maria Roupa de Palha e da Patroa; barbante, destinado à confecção do varal de roupas; e botões em formato de frutas e doces, que contribuíram tanto para a montagem da mesa de iguarias da cena do casamento quanto para a representação das árvores frutíferas. Para a confecção do cabelo de Maria Roupa de Palha, utilizou-se lã na cor marrom, conferindo textura e realismo à personagem.

Figura 10 – Confecção do cabelo de Maria Roupa de Palha



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2025

4.2.4 Corte e Costura

Foi utilizada linha de algodão para a confecção de todo o livro, bem como agulha para costura em máquina industrial reta e agulha para trabalhos manuais. Os moldes foram elaborados em folhas de papel A4, desenhados previamente e, em

seguida, recortados com tesoura apropriada para tecido. A partir desses moldes, realizava-se o desenho sobre o feltro, possibilitando o corte e a posterior montagem dos cenários. Após a confecção de todos os elementos de cada cena, estes eram armazenados em bolsas plásticas, organizados por páginas, até o momento da montagem final.

Figura 11 – Desenho dos moldes e corte

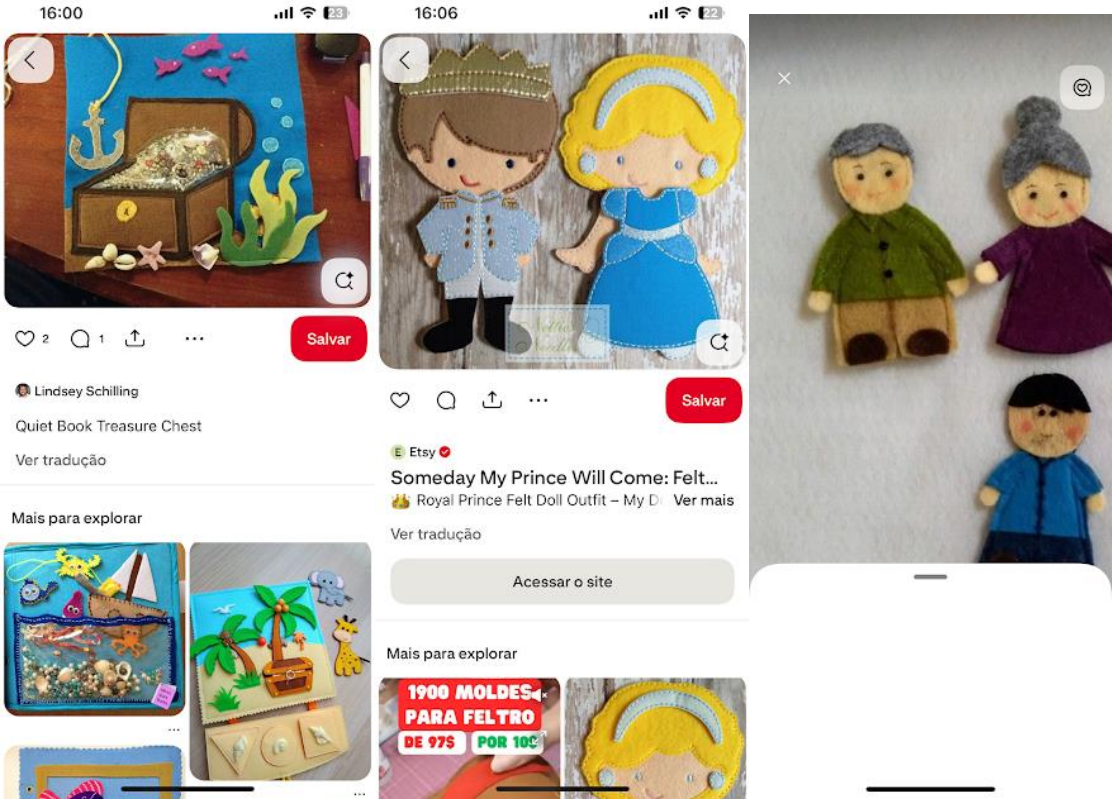


Fonte: Acervo da pesquisadora, 2025

4.2.5 Design e Protótipo

Para a elaboração do design do livro, foram realizadas previamente algumas pesquisas na internet (Figura 12), a fim de observar elementos confeccionados em feltro que compunham narrativas semelhantes, de modo a servir como inspiração para a criação dos componentes da proposta em desenvolvimento.

Figura 12 – Pesquisas na internet



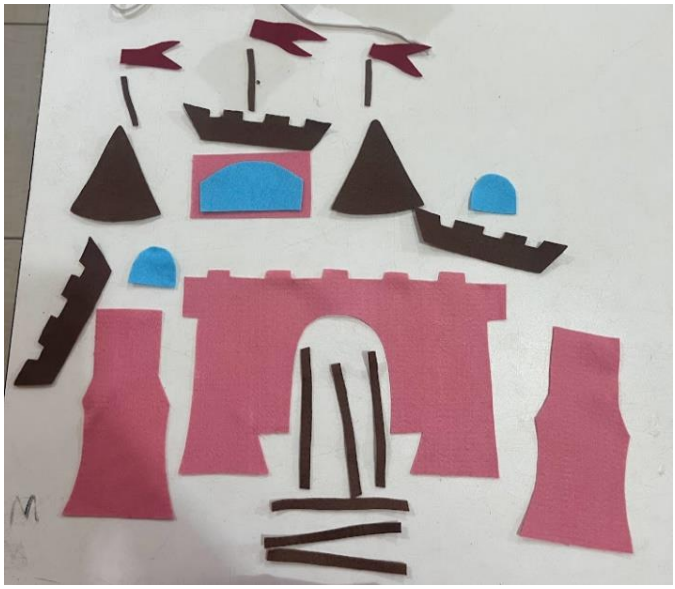
Fonte: Pinterest, 2025

A partir dessas pesquisas, os moldes eram desenhados e posteriormente transferidos para o feltro. Entretanto, durante o processo de confecção, diversas novas ideias foram surgindo, o que exigiu a remodelagem de alguns elementos que já estavam em andamento. Após a finalização de cada componente, estes eram organizados sobre uma mesa, sem a utilização de colagem ou costura, apenas posicionados, de modo a oferecer uma visualização prévia da versão final.

Esse processo de manipulação permitiu ajustar os cenários até que atingissem uma disposição considerada ideal. As cores foram escolhidas sempre levando em consideração o caráter lúdico desse material didático, uma vez que se destina ao público infantil, exigindo, portanto, tonalidades vivas e variadas que transmitam a sensação de animação e remetam ao universo mágico criado por Lourdes Ramalho.

Como exemplo de protótipo, a montagem do castelo (Figura 13) mostra que as peças de tecido foram dispostas de modo a analisar as melhores possibilidades de organização a fim de representar o cenário.

Figura 13 – Montagem do castelo



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2025

4.2.6 Montagem das páginas

As páginas foram organizadas de acordo com a sequência do cordel dramatúrgico, do qual foram selecionadas 6 cenas que contemplam o conjunto da narrativa, conforme indicado nas figuras acima: Fig. 3 – **Casa da Patroa**; Fig. 4 – **Floresta**; Fig. 5 – **Praia**; Fig. 6 – **Mundo da Lua**; Fig. 7 – **Mundo do Sol**; Fig. 8 – **Reino Encantado**. Além das páginas principais, o livro apresenta também páginas “extras”, que se abrem lateralmente, tanto à esquerda quanto à direita, em determinados trechos. Considerando que o material predominante utilizado na confecção foi o feltro, optou-se pela inserção de placas de E.V.A., por se tratar de um material mais rígido. Essas placas foram coladas sobre as páginas de feltro, com o objetivo de proporcionar maior sustentação e firmeza à estrutura do livro.

4.3 SUGESTÕES DE USO DO LIVRO TEXTURIZADO INTERATIVO

Figura 14 – Capa do livro com a boneca. [2]



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2025

O livro foi desenvolvido para a mediação da leitura da história de Maria Roupa de Palha, destinado preferencialmente a crianças da primeira fase do ensino fundamental, podendo também dirigir-se a crianças da educação pré-escolar. A mediação pode ser realizada em uma roda de leitura, sendo recomendável sair do ambiente habitual da sala de aula e realizar a atividade em um espaço natural, de modo que os alunos possam vivenciar uma experiência semelhante à descrita no livro, promovendo maior imersão na narrativa.

Como as personagens da narrativa — Maria Roupa de Palha, Papagaio, Príncipe, Amadeu e a Patroa — são representados por bonecos móveis, as crianças podem manipulá-los como fantoches, tanto sobre o livro quanto no espaço em que estão, deste modo possibilitando uma interação mais direta com a história. As/Os

[2] Cf. mostragem do livro na forma de vídeo no link a seguir:
https://drive.google.com/file/d/1BziexHmDU33mp4_1IRa_1s_HaUC7fnHO/view?usp=sharing

professoras/es ou mediadora/es podem incentivar as/os aluna/os a criar vozes específicas para cada personagem, abrangendo tanto as personagens humanas quanto as que representam elementos da natureza, e, além da contação da história, pode-se propor a sua encenação como um momento posterior à leitura mediada e interativa com o livro, tornando a experiência ainda mais lúdica e participativa.

Além disso, a mediação pode ser enriquecida com o uso de recursos sonoros, como áudios reproduzidos em caixas de som, que remetam às ondas do mar durante as passagens no fundo do mar, sons de floresta nos trechos ambientados nesse cenário e outros efeitos sonoros específicos para cada universo apresentado na narrativa. Após a mediação da leitura, é possível desenvolver diversas sequências didáticas utilizando o texto propriamente dito do cordel dramatúrgico transposto para o livro texturizado, envolvendo atividades de escrita, leitura, pintura e desenho em forma de oficinas de criação de histórias, que poderão resultar, inclusive, na produção de outros livros texturizados interativos pelas próprias crianças, ampliando as oportunidades de aprendizagem e exploração criativa da história.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como propósito apresentar a elaboração de um recurso didático inovador: um livro interativo texturizado, concebido como uma ferramenta ímpar para a mediação da leitura em sala de aula. A proposta demonstrar-se relevante ao possibilitar múltiplas formas de exploração pedagógica, contribuindo para a criação de sequências didáticas diversificadas e para o estímulo ao gosto pela leitura.

Além de favorecer o contato com o universo literário, o recurso também se mostrou pertinente para a inserção de atividades de escrita, dramatização, produção de textos dramáticos, criação de livros, desenhos, pintura, costura e outras práticas manuais. Nesse sentido, reforça-se o potencial do material como suporte metodológico que amplia a aprendizagem de maneira lúdica e significativa.

A escolha do cordel Maria Roupa de Palha, de Lourdes Ramalho, revelou-se acertada, uma vez que o gênero cordel apresenta linguagem acessível e de baixo custo, características que o tornam um ponto de partida adequado para o incentivo à leitura, sobretudo entre discentes que ainda não possuem esse hábito. Além disso, a obra em questão transmite ensinamentos de grande valor humano, refletindo uma idealização de mundo mais justo e harmonioso, que pode ser incorporada ao processo educativo.

Considera-se que a educação constitui o caminho essencial para a transformação de realidades sociais e individuais. Por meio dela, é possível ressignificar vidas, ampliar horizontes e formar cidadãos críticos, conscientes e atuantes. Assim, o trabalho aqui desenvolvido reafirma a leitura como prática indispensável para o exercício da cidadania e para a construção de uma sociedade mais igualitária.

Como continuidade desta experiência, delineou-se um projeto didático a ser desenvolvido com turmas do Maternal I da Educação Infantil em uma creche pública da cidade de Caraúbas-PB. O projeto, com duração de três meses, integra uma iniciativa da Secretaria de Educação do município e será finalizado com a apresentação dos resultados na Feira Literária prevista para dezembro de 2025. Entre as atividades planejadas, incluem-se a contação de histórias utilizando o livro interativo texturizado, a confecção de palitoches com personagens do cordel, a

pintura dos cenários, a produção de figurinos e a dramatização da narrativa, todas devidamente adaptadas à faixa etária de dois a três anos.

Espera-se que este trabalho inspire novas pesquisas e práticas pedagógicas voltadas à valorização da leitura, em especial no contexto da literatura de cordel e do cordel dramatúrgico, ainda pouco explorados como recursos didáticos no espaço escolar. Acredita-se que iniciativas como esta possam colaborar para o fortalecimento do ensino de leitura e para a formação de estudantes mais críticos, criativos e engajados, reafirmando a importância da educação como instrumento de transformação social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leandro de Sousa**. Lourdes Ramalho e o Método LerAtos na formação de Professoras Leiautoras Utópicas em bibliotecas de Portugal e do Brasil.** 2024. 383 f. Tese (Doutorado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2024. Disponível em: https://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/5063 . Acessado em:17/09/2025.

ALMEIDA, Leandro de Sousa; ANDRADE, Valéria. Utopismos ramalhianos em Anjos de Caramelada: feminino e masculino no jogo de espelhos da dramaturgia utópica de Lourdes Ramalho. In: **IX CONEDU - CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO**. 9, 2023. Anais [...] João Pessoa: Realize, 2023, p. 395-414. Disponível em: https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/105939 . Acessado em: 17/09/2025.

ANDRADE, Valéria. ALMEIDA, Leandro de Sousa. Maria Roupa de Palha**:** uma sobrevida cinderelesca em jornada de heroína na dramaturgia utópica de Lourdes Ramalho. In: DIAS, André; CIANCONI, Vanessa; ENEDINO, Wagner Corsino (organizadores). **Dramaturgias inquietas**: o teatro nos livros e nos palcos. Rio de Janeiro: Pangeia Editorial, 2024. ISBN: 978-65-5293-002-6. Disponível em: https://sl1nk.com/iL8qn . Acessado em: 17/09/2025.

ANDRADE, Valéria, MACIEL, Diógenes. E a vida real, Dona Lourdes? **Correio das Artes**, João Pessoa, Ano LXXI - Nº 6, p. 4 -14, ago. 2020. Disponível em: https://auniao.pb.gov.br/servicos/correio-das-artes/edicao-digital-2020/correio-das-artes-agosto-de-2020/@@download/file/Correio%20agosto%20final%20(1).pdf Acessado em: abr. 2025.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro:** do leitor ao navegador - conversações com Jean Lebrun. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1998. 159 p. Revista Entreideias: Educação, Cultura E Sociedade, 4(3).

FAILLA, Zoara. (coordenadora) **Retratos da Leitura no Brasil 6.** São Paulo: Instituto Pró Livro, 2024.

MOREIRA, Alam Félix dos Santos. **A Materialização do UNIVERSO-CORDEL no palco:** imagem, tema e verso no espetáculo *Os Ovos de Militão*. 2015. 144 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

MURDOCK, Maureen. **A jornada da heroína:** a busca da mulher para se reconectar com o feminino, Prefácio de Sandra Trabucco Valenzuela. Rio de Janeiro: Sextante, 2022.

RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes**. Maria Roupa de Palha e outros textos para crianças.** Vol. 1. Organização e introdução: Valéria Andrade e Ana Cristina Marinho Lúcio. Campina Grande: Bagagem, 2008, p. 51-76.

RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. **Maria Roupa de Palha**. Portal Teatro na escola, 2016. Disponível em: https://www.teatronaescola.com/index.php/banco-de-pecas/item/maria-roupa-de-palha Acessado em: Jan .2025

RIBEIRO, José Paulo. **Lourdes Ramalho**. Verbete 2019. Disponível em: https://paraibacriativa.com.br/artista/lourdes-ramalho/ Acessado em: abr. 2025.

SANTOS, Maurício. A importância da produção de material didático na prática docente**. Anais do VII Congresso Brasileiro de Geógrafos**, 10-16 de agosto de 2014. Vitória-ES.

SANTOS, Ovídia Kaliandra Costa, BELMINO, José Franscidavid Barbosa. Recursos didáticos: **Uma melhoria na qualidade da aprendizagem**. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2013.

SEGABINAZI, Daniela, COSSON, Rildo. (organizadores). **Práticas de Letramento Literário na Escola**. Fortaleza, CE: EDUECE, 2023.

SOUSA, Rafael Barros de. **Práticas de leitura e escrita inovadoras:** uma experiência com poesia de cordel e jogo sério na escola do campo. 2017. 75f. (Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia), Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Universidade Federal de Campina Grande, Sumé – Paraíba – Brasil, 2017. Disponível em: https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/4981. Acessado em 17/09/2025.

STEPHANI, Adriana D; TINOCO, Robson C. **A formação dos professores mediadores de leitura literária: os desafios atuais**. Anais. Simpósio Internacional de Ensino da Língua Portuguesa-SIELP. V. 3, N1. Uberlândia, EDUFU, 2014.Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wpcontent/uploads/2014/11/1045.pdf. Acessado em 16/04/2020. Acessado em 17/09/2025.

VIEIRA, Diógenes André; ANDRADE, Valéria. A dramaturgia/teatro em cordel de Lourdes Ramalho. In: GOMES, André Luís; MACIEL, Diógenes André Vieira (organizadores). **Dramaturgia e teatro**: intersecções. Maceió - AL: EDUFAL, 2008. ISBN: 978-85-7177-435-3.

VIEIRA, Fátima. A Comunicação de Ciência e o modo de pensar Utópico: uma Visão para 2030. In: FIGUEIREDO, Carla; PINTO, Daniela; MANARTE, Joana; DOTTA, L. Thomas; LIMA, Louise; PEREIRA, Maria J.; SAMPAIO, Marta; RODRIGUES, Raquel; PINHEIRO, Sara; FREIRE, Thiago. **II Seminário Internacional EXPRESSA: Re-imaginar a Comunicação Científica em Educação**. EDIÇÃO CIIE – Centro de Investigação e Intervenção Educativas, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), 2021, p. 15-22. Disponível em: https://ciie.fpce.up.pt/pt/ebooks/i-international-seminar-expressa-re-imagining-scientific-communication-in-education-book-of-abstracts. Acesso em 15 ago. 2025.